

Valorização do Artesanato em Aquidauana - MS: Perspectivas e Desafios

GABRIELA LEANDRO DOS SANTOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL (UFMS)

ISADORA BACHA LOPES

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL (UFMS)

VALORIZAÇÃO DO ARTESANATO EM AQUIDAUANA - MS: PERSPECTIVAS E DESAFIOS

INTRODUÇÃO

O artesanato é uma forma de expressão cultural que remonta aos primórdios da humanidade, refletindo as especificidades das tradições e hábitos locais (Machado, 2024). O artesanato possui um elevado potencial para o desenvolvimento local, pois pode ser analisado em suas dimensões histórica, econômica, social, cultural e ambiental. Essa atividade não só gera ocupação e renda, mas também está fortemente vinculada ao setor de turismo, contribuindo para a valorização da cultura local e o crescimento econômico sustentável das comunidades (SANTOS et al., 2023).

Aquidauana, localizada no estado de Mato Grosso do Sul, possui uma população de 46.803 habitantes e uma densidade demográfica de 2,74 habitantes por km², conforme dados do IBGE (2023). A economia local é fortemente baseada na agropecuária, especialmente na criação de gado. De acordo com o IBGE, o PIB per capita de Aquidauana é de R\$ 25.007,82, o que indica uma renda relativamente baixa comparada a outras regiões do Brasil. A economia local é diversificada, mas o setor de serviços desempenha um papel crucial, abrangendo comércio, turismo e serviços públicos. O potencial turístico da cidade é notável, sendo conhecida como a "porta de entrada para o Pantanal". Além disso, Aquidauana preserva uma rica identidade cultural, refletida em suas construções históricas e na influência da cultura indígena Terena.

Dessa forma, o artesanato pode desempenhar um papel significativo na economia dessa região, contribuindo para a geração de emprego e renda, além de promover a inclusão social e a preservação cultural. É importante destacar que o artesanato possui fronteiras tênues e movediças em relação à arte e a trabalhos manuais, com sobreposições e diferenciações que tornam sua definição complexa. Embora frequentemente associado a trabalhos manuais que utilizam matérias-primas naturais e evitam processos automatizados, essa visão não abarca completamente o artesanato contemporâneo, que se transforma e se aproxima tanto da arte como de produtos de massa. Além disso, o viés econômico do artesanato, voltado para a comercialização, muitas vezes entra em conflito com sua principal característica de expressão cultural e tradicional. Autores como Mascelani (2002) abordam essa dualidade, destacando que o artesanato contemporâneo deve ser visto não apenas como uma atividade econômica, mas também como uma manifestação cultural rica e diversificada, que reflete a identidade e a tradição das comunidades onde é produzido.

Tendo em vista esse contexto multifacetado do artesanato, esse trabalho visa analisar o mercado de artesanato de Aquidauana buscando contribuir com a literatura de gestão, principalmente sobre modelos de negócios alternativos, que reforcem a importância de aproximar quem produz de quem consome, e argumenta que essa aproximação tem potencial de valorização da produção artesanal e do comércio justo (Keller, 2020; Canclini, 1983).

Além disso, analisar os espaços destinados ao artesanato, os locais de comercialização e a perspectiva do próprio artesão é uma etapa crucial para pensar políticas públicas e estratégias por parte das partes interessadas. Essa análise é fundamental em um momento em que o acesso a diversos mercados dominados por grandes *players*, como por exemplo *SHEIN* e *Shopee*, reforça uma sociedade padronizada e massificada (Keller, 2020). A padronização não só ameaça a diversidade cultural, mas também muitas vezes reduz o artesanato a meros produtos de consumo, despojando-os de seu valor intrínseco de identidade, cultura e história (Freeman, 2011). Além disso, muitos produtos vendidos como artesanais são desprovidos de identidade e contexto cultural. Portanto, é crucial desenvolver estratégias que valorizem a autenticidade e a singularidade do artesanato, promovendo-o como um produto que oferece mais do que

utilidade, mas também uma conexão profunda com a cultura e a história de uma comunidade (Sebrae, 2022).

Em Aquidauana, uma cidade rica em cultura e tradições, o artesanato pode ser uma ferramenta importante de identidade local, especialmente entre as comunidades indígenas e quilombolas. Além disso, o artesanato não é apenas uma manifestação artística, mas também uma importante fonte de renda para muitas comunidades. Em regiões onde as oportunidades econômicas são limitadas, o artesanato oferece oportunidades de emprego e empreendedorismo, promovendo o crescimento econômico e a inclusão social em comunidades de todo o país (Guimarães, 2024).

Diante do contexto apresentado, este trabalho visa mapear o mercado do artesanato de Aquidauana - MS, buscando identificar os artesãos, suas perspectivas e histórias. Para isso, foram investigados os espaços destinados à comercialização de artesanatos no primeiro semestre de 2024, sendo eles: A Casa do Artesão e as feiras de artesanato que ocorreram, tais como: O Festival de Arte Paulo Gustavo (FARPA) e a Feira de Empreendedorismo Indígena do Pantanal (FEIP). Nesse processo, visou-se ouvir os artesãos e questionar se esses eventos estão realmente atingindo seu potencial pleno em termos de valorização dos artesãos e de suas obras, e como modelos de negócios alternativos, como por exemplo a economia criativa, pode auxiliar na criação de estratégias de valorização e desenvolvimento econômico.

PROBLEMA DE PESQUISA E OBJETIVOS

O artesanato desempenha um papel crucial no desenvolvimento local e na valorização cultural. Ele não só preserva tradições e técnicas ancestrais, mas também contribui para a economia local, gerando renda e oportunidades de emprego. No entanto, o mercado de artesanato enfrenta desafios significativos, como a dificuldade de acesso a mercados mais amplos, a competição com produtos massificados e a necessidade de estratégias eficazes para a valorização da autenticidade e singularidade dos produtos artesanais. Além disso, há uma lacuna no protagonismo dado aos artesãos em muitos espaços destinados a esses. Dessa forma, a pergunta que norteou esse trabalho é: quem são os artesãos que comercializam seus produtos na Casa do Artesão, ou ainda que participaram do Festival de Arte Paulo Gustavo (FARPA) e da Feira de Empreendedorismo Indígena do Pantanal (FEIP), e qual é sua perspectiva a respeito do seu trabalho?

Dessa forma, o objetivo deste artigo é analisar o mercado de artesanato de Aquidauana - MS, identificando os artesãos, suas perspectivas e histórias. Para isso, foram estipulados os seguintes objetivos específicos:

1. Mapear os artesãos de Aquidauana: Identificar quem são os artesãos, suas histórias e os produtos que comercializam.
2. Analisar os espaços de comercialização: Investigar os principais locais de venda de artesanato em Aquidauana, como a Casa do Artesão, o Festival de Arte Paulo Gustavo (FARPA) e a Feira de Empreendedorismo Indígena do Pantanal (FEIP).
3. Destacar estratégias que possam ser adotadas pelas partes interessadas para promover a inclusão social, a preservação cultural e o desenvolvimento econômico sustentável através do artesanato.

REFERENCIAL TEÓRICO

Introdução ao Artesanato

A origem do artesanato está intimamente relacionada com o surgimento do homem. Os primeiros vestígios de objetos artesanais datam aproximadamente do período neolítico (cerca de 6.000 a.C.), quando os seres humanos começaram a transformar a matéria-prima animal e vegetal para suprir suas necessidades, criando cestos, esculpindo pedras, moldando barro e confeccionando vestimentas de pele (Machado, 2024). O artesanato revela usos, costumes, tradições e características de cada região.

Economia Criativa

A criatividade é uma capacidade de criar o novo, reinventar, diluir paradigmas tradicionais e equacionar soluções para problemas antigos e novos (Reis, 2008). A economia criativa se baseia nos ativos criativos, potencialmente geradores de crescimento socioeconômico. Segundo a Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (Unctad), a economia criativa tem o potencial de fomentar o crescimento econômico, a criação de empregos e os ganhos de exportação, promovendo ao mesmo tempo a inclusão social, a diversidade cultural e o desenvolvimento humano (Duisenberg, 2008).

A ideia central da economia criativa é incluir processos, ideias e empreendimentos que usam a criatividade como destaque para a criação de produtos. O termo surgiu em um contexto de valorização e exploração do potencial humanístico e financeiro da cultura, criatividade e imaginação (Amado, 2019).

Economia Criativa e Desenvolvimento Local

A economia criativa é um conceito que abrange atividades econômicas baseadas na criatividade, habilidades e talentos individuais, com potencial para gerar empregos e riqueza através da exploração da propriedade intelectual (Duisenberg, 2008). Valiati e Moller (2016) destacam que a economia criativa representa trabalho criativo, que requer trabalhadores criativos. A criatividade é vista como uma força de produção que, além de capital e trabalho, necessita de investimentos para gerar produtos e serviços criativos. Segundo Amado (2019), a economia criativa é fundamental para o desenvolvimento sustentável, pois promove a diversidade cultural e a inovação.

Dentro das categorias da economia criativa, o artesanato recebe pouca atenção, apesar de sua presença significativa em todo o país. Dados do Ministério da Cultura (MinC) de 2009 indicam que no Brasil, 8,5 milhões de pessoas trabalham na produção artesanal, gerando R\$ 30 bilhões por ano e representando 2,8% do PIB nacional, com 87% desses trabalhadores sendo mulheres (Possebon, 2013). Banks (2010) argumenta que os teóricos das indústrias criativas devem examinar mais o trabalho daqueles "muito mais distantes das recompensas de autoria", em vez de focar apenas nos trabalhadores criativos altamente qualificados.

Artesanato como Manifestação Cultural

O artesanato é uma forma de expressão cultural que reflete as especificidades das tradições e hábitos locais (Diniz e Diniz, 2007). Pereira (1979) e Dias (2007) observam a diversidade de saberes e atividades envolvidas no artesanato, destacando seu papel como expressão de tradições populares e regionais. Canclini (1984) e Cândido (1987) discutem a adaptação constante dos materiais e técnicas artesanais às condições econômicas e culturais, ressaltando a importância do artesanato na preservação da identidade cultural.

Valorização do Artesanato

A valorização do artesanato envolve reconhecer e promover o valor cultural e econômico dos produtos artesanais. D'Ávila (1983) destaca o alto valor agregado dos produtos artesanais e sua capacidade de penetrar em mercados onde os produtos manufaturados têm melhor aceitação. Ribeiro et al. (1983) discutem a valorização do fazer manual e o papel do artesanato no capitalismo, ressaltando que os valores humanos e culturais agregados aos artefatos artesanais não podem ser perdidos.

De acordo com Smith (2016), o marketing cultural desempenha um papel crucial na valorização e comercialização de produtos artesanais. A autora destaca que a apresentação e a narrativa em torno dos produtos são fundamentais para aumentar o valor percebido pelos consumidores. No contexto do artesanato, isso pode ser alcançado através da inclusão de informações detalhadas sobre os produtos, como o processo de produção, os materiais utilizados e a história pessoal dos artesãos. Essas práticas não apenas enriquecem a experiência do consumidor, mas também promovem uma conexão emocional com os produtos, incentivando a compra e a valorização do trabalho artesanal. Além disso, Smith enfatiza a importância de treinamentos para os funcionários que lidam diretamente com os consumidores, garantindo que

eles possam transmitir de forma eficaz a história e o valor cultural dos produtos. Essas estratégias de marketing cultural são essenciais para fortalecer o protagonismo dos artesãos e promover a sustentabilidade do artesanato como uma forma de expressão cultural e econômica (SMITH, 2016).

Desafios e Oportunidades para os Artesãos

Os artesãos enfrentam diversos desafios, incluindo a falta de valorização e reconhecimento de seu trabalho (Elizeth Gonçalves, 2024). A literatura aponta para a necessidade de estratégias que promovam a inclusão dos artesãos no mercado e a valorização de seus produtos (Reis, 2008). A economia criativa oferece oportunidades para superar esses desafios, promovendo a inovação e a sustentabilidade (Valiati e Moller, 2016).

Definições

Para os propósitos deste estudo, "artesanato" é definido como produtos criados manualmente por indivíduos ou grupos que utilizam técnicas tradicionais ou contemporâneas, muitas vezes refletindo a cultura e a história da região. "Valorização" refere-se ao reconhecimento e enriquecimento do status cultural e econômico dos artesãos e seus produtos. "Sustentabilidade" implica em práticas que promovem a viabilidade econômica a longo prazo do artesanato, sem comprometer a integridade cultural ou ambiental.

METODOLOGIA

Este estudo utiliza uma abordagem qualitativa para coletar e analisar dados sobre os artesãos e suas obras nas feiras FARPA - Festival de Arte Paulo Gustavo em Aquidauana e II FEIP - Feira de Empreendedorismo Indígena do Pantanal que ocorreram no primeiro semestre de 2024. A pesquisa qualitativa é adequada para explorar as experiências, desafios e aspirações dos artesãos, proporcionando uma compreensão profunda e contextualizada (Creswell, 2014).

Com relação ao lócus da pesquisa foram analisados três espaços destinados ao artesanato, a Casa do artesão, Festival de Arte Paulo Gustavo e Feira de Empreendedorismo Indígena do Pantanal, conforme detalhamento abaixo:

1. Casa do artesão

- Data: 14 de março de 2024 e 10 de julho de 2024
- Local: Esplanada Ferroviária

2. FARPA - Festival de Arte Paulo Gustavo em Aquidauana

- Data: 16 de março de 2024
- Local: Rotatória da Avenida Pantaneta, Aquidauana, MS

3. II FEIP - Feira de Empreendedorismo Indígena do Pantanal

- Data: 11 de maio de 2024
- Local: Shopping Atlântico, Aquidauana, MS

A população-alvo deste estudo são os artesãos participantes das feiras FARPA e FEIP. A amostra inclui os artesãos que participaram das entrevistas e observações durante os eventos. No FARPA, segundo a responsável pelo SECTUR seriam 21 artesãos expondo, o Jornal O Pantaneiro anunciou 20 participantes, mas durante a observação foram identificados aproximadamente 13 artesãos expondo seus produtos nos stands, sendo entrevistados 10 artesãos. Na II FEIP, participaram 17 artesãos, sendo entrevistados 6. Totalizando 16 artesãos entrevistados.

As entrevistas semiestruturadas foram utilizadas para coletar dados qualitativos sobre as trajetórias, experiências e percepções dos artesãos. As perguntas abordaram os seguintes tópicos: Início no artesanato; Desenvolvimento das habilidades; Experiências marcantes; Relação com a comunidade; Desafios enfrentados; Visão para o futuro.

As entrevistas foram feitas de forma presencial pelos pesquisadores e transcritas para análise posterior. Além das entrevistas, os pesquisadores realizaram observação participante durante os eventos para complementar os dados coletados. A observação focou na interação entre artesãos e visitantes, a dinâmica das feiras e a apresentação dos produtos artesanais.

Segundo Angrosino (2007), a observação participante é uma técnica valiosa para captar nuances e contextos que podem não emergir em entrevistas.

Os dados qualitativos foram analisados utilizando a técnica de análise de conteúdo (Bardin, 2011). As transcrições das entrevistas foram codificadas e categorizadas para identificar temas recorrentes e insights sobre trajetórias, desafios e aspirações dos artesãos. A análise de conteúdo permite uma interpretação sistemática e objetiva dos dados textuais, facilitando a identificação de padrões e significados (Krippendorff, 2013).

Para enriquecer a análise, os achados foram descritos e relacionados com a literatura existente sobre artesanato, economia criativa e marketing cultural.

Este estudo está limitado à análise dos artesãos participantes das feiras FARPA e FEIP em Aquidauana. Os resultados podem não ser generalizáveis para outros contextos ou regiões. Além disso, a coleta de dados foi realizada em um período específico, o que pode influenciar as percepções e experiências relatadas pelos artesãos. Além disso, outras pesquisas podem complementar os achados a partir da perspectiva de outros agentes envolvidos nas feiras, como por exemplo os consumidores.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

Nesta seção, serão apresentados e analisados os resultados obtidos a partir das visitas aos eventos e espaço de comercialização dos produtos artesanais e das entrevistas realizadas com os artesãos de Aquidauana. Primeiramente, será discutida a estrutura e funcionamento da Casa do Artesão. Em seguida, será dado protagonismo aos artesãos participantes desta pesquisa, mostrando seu trabalho e um pouco da sua história, além disso, serão abordadas as percepções obtidas a partir dos eventos: Festival de Arte Paulo Gustavo (FARPA) e a Feira de Empreendedorismo Indígena do Pantanal (FEIP). Por fim, serão exploradas as implicações dessas observações para a valorização do artesanato local e propostas estratégias para melhorar a visibilidade e o reconhecimento dos artesãos, promovendo o desenvolvimento econômico e a preservação cultural.

1. Loja de comercialização Casa do Artesão

A casa do artesão fica localizada no centro da cidade na esplanada ferroviária, o local tem o suporte da prefeitura de Aquidauana através da SECTUR (Secretaria de Cultura e Turismo). De acordo com os responsáveis, não é cobrada taxa dos artesãos para que eles comercializem seus produtos no local. O espaço funciona de segunda a sexta-feira, das 7h às 18h.

Durante a visita, observou que os artesãos não ficam no local, existe um responsável pelo atendimento, mas foi observado que não há nenhum treinamento ou conhecimento específico sobre os artesãos e suas obras por parte desses funcionários.

Os produtos ficam expostos sem nenhuma identificação, como por exemplo, uma placa com a fotografia do artesão ou ainda um breve histórico de quem produz as peças, conforme observa-se na figura 1, nem o nome do produto, o material utilizado ou qualquer informação é encontrada, apenas o nome de quem produziu e a chave pix para quem quiser adquirir o produto.

Figura 1- Produtos na Casa do Artesão sem Identificação Adequada



Fonte: Autora (2024)

A falta de identificação e contextualização dos produtos artesanais na Casa do Artesão pode ser analisada à luz da literatura sobre marketing cultural e valorização do artesanato. Segundo estudos de marketing cultural, a apresentação e a narrativa em torno dos produtos são cruciais para a valorização e comercialização das peças artesanais (Smith, 2016). A ausência de informações detalhadas sobre os produtos e seus criadores pode diminuir o valor percebido pelos consumidores e reduzir o engajamento com a história e a cultura local.

Pequenas ações podem ser implementadas para fortalecer o protagonismo dos artesãos na exposição de seus produtos. Por exemplo, a inclusão de placas informativas com fotos dos artesãos, descrições dos materiais utilizados e histórias pessoais pode criar uma conexão mais profunda entre os consumidores e os produtos. Além disso, treinamentos para os funcionários da Casa do Artesão sobre a importância do artesanato e as histórias dos artesãos podem melhorar a experiência do visitante e aumentar as vendas. Essas ações não só valorizam o trabalho dos artesãos, mas também promovem a cultura local e incentivam a preservação das tradições artesanais.

A partir da análise dos produtos comercializados na casa do artesão, algumas reflexões foram possíveis. A questão do que pode ser enquadrado como artesanato é complexa e multifacetada. Será que todos os produtos vendidos na Casa do Artesão realmente representam o artesanato tradicional, ou alguns deles se aproximam mais de trabalhos manuais comuns? A distinção entre artesanato e trabalhos manuais pode não ser clara como vimos na literatura, mas alguns aspectos são essenciais para a valorização cultural e econômica dos produtos.

Por exemplo, produtos que não possuem uma narrativa clara ou uma conexão evidente com a cultura local podem ser percebidos como menos autênticos pelos consumidores. Isso levanta a questão: como podemos definir e identificar o verdadeiro artesanato? Será que a inclusão de informações detalhadas sobre os artesãos e suas técnicas poderia ajudar a diferenciar esses produtos? E, se sim, como isso poderia influenciar a percepção e o valor dos produtos artesanais?

Além disso, a presença de produtos que não se enquadram claramente como artesanato pode diluir a identidade da Casa do Artesão. Como podemos garantir que os produtos expostos realmente refletem a riqueza cultural e a tradição artesanal de Aquidauana? Um exemplo desse debate pode ser visualizado por meio da figura 2 abaixo.

Figura 2- Produtos de trabalho manual



Fonte: Autora (2024)

Com relação aos resultados obtidos nas entrevistas com os artesãos participantes da feira e no festival, observa-se que de forma geral a desvalorização e falta de interesse do público tem sido os maiores desafios enfrentados pelos artesãos respondentes. A seguir serão descritos os eventos e os artesãos que fizeram parte da pesquisa.

2. FARPA- Festival de arte Paulo Gustavo em Aquidauana - MS

Aquidauana em 2024 realizou o primeiro Festival de Artes Paulo Gustavo (FARPA), o festival teve como objetivo garantir que artistas, produtores e organizadores culturais pudessem retomar a produção cultural, uma vez que A Lei Paulo Gustavo foi criada para incentivar e reaquecer o setor cultural, gravemente afetado pela pandemia de covid-19. (Agência Senado, 2023; Agecom, 2024)

O FARPA abrangeu uma ampla variedade de formas de expressões artísticas, como oralidades, literatura, música, dança, artesanatos e trabalhos manuais, artes plásticas e visuais, apresentação/locução de eventos, instrução de oficina e manifestações da cultura popular tradicional, indígena e/ou quilombola (Agecom, 2024)

O evento foi organizado pela Secretaria Municipal de Cultura e Turismo (SECTUR) e ocorreu no dia 16 de março, em Aquidauana, na rotatória da Avenida Pantaneta, com início às 18h e com entrada gratuita (Agecom, 2024).

Durante o evento foram realizadas duas etapas principais, 1) entrevistas presenciais com 10 artesãos e 2) observação do comportamento dos visitantes, interação entre artesãos e público e a apresentação dos produtos artesanais e da dinâmica da feira no geral. Conforme serão descritos abaixo.

As entrevistas tinham como objetivos conhecer a trajetória profissional dos artesãos, assim, foram realizadas perguntas tais como: "Como você começou no artesanato e quais foram suas inspirações iniciais?"; "como foi a jornada?" e "Há algum momento ou evento significativo que marcou sua trajetória como artesão?" No outro momento o foco da entrevista era entender como cada artesão via seu impacto e reconhecimento pela sociedade os principais desafios enfrentados e aspirações futuras.

A interação entre os artesãos e o público é baixa, não há uma divulgação do produto para o público, há apenas a exposição do produto, dificultando que o público se sinta atraído para o stand. A pesquisa mostrou a importância da trajetória dos artesãos e como cada peça carrega uma história, a cada história ouvida surge um sincero interesse pelo produto.

Alguns aspectos contribuíram para a boa apresentação dos produtos como a posição dos stands, que estavam localizados ao lado do palco onde aconteciam os shows, a variedade e organização dos produtos em mesas e pendurados em expositores.

Mapeamento dos Artesãos participantes da FARPA

Artesã Lucélia Pereira

De acordo com a entrevista com a artesã Lucélia Pereira, seu trabalho como artesã começou em 2021, com a liderança na dança feminina, que consiste em liderar um grupo de mulheres em uma dança que faz parte da tradição dos povos indígenas, o que segundo ela a inspirou conforme trecho da entrevista "de lá pra cá nasceu em mim a vontade de aprender mais as nossas culturas, danças e tradições". Lucélia produz adereços indígenas como colares, brincos, pulseiras e vasos em argila.

Figura 3- Adereços indígenas produzido por Lucélia



Fonte: Autora (2024)

Lucélia, ao ser interrogada sobre sua jornada de aprendizado e aprimoramento no artesanato, ressaltou a importância do aproveitamento de sementes e conservação das árvores "porque hoje a nossa maior luta é sobre as queimadas, então conforme acontece as queimadas, faltam as sementes para a gente trabalhar com nosso artesanato".

Artesã Elizeth Gonçalves

Elizeth Gonçalves, que acumula mais de 10 anos de experiência no ramo do artesanato, começou confeccionando acessórios com sementes e teve como inspiração a cultura indígena.

Figura 4- Acessórios feitos por Elizeth



Fonte: Autora (2024)

Elizeth vê o artesanato como uma renda extra “eu fiquei muito tempo desempregada e o artesanato me ajudou muito, depois consegui conciliar o artesanato com meu trabalho fora”. Ela percebeu o impacto positivo de seu trabalho com os artesanatos ao ministrar oficinas e cursos em aldeias. Na entrevista, Elizeth lamenta que a maioria das pessoas não reconhecem e não valorizam o trabalho do artesão, e enxerga isso como o maior desafio enfrentado em sua prática artesanal.

Artesã Ana Lúcia Gomes

Ana Lúcia participa frequentemente das feiras de artesanato, formada em Artes Visuais, percorreu a vida toda na arte chamada Educação, como professora, “sou aposentada da UFMS do Campus de Aquidauana, e praticamente dentro da arte a gente comunga também com a produção das peças artesanais” disse Ana em entrevista. Atualmente ela fabrica pinturas pantaneiras em pedras e madeiras

Figura 5 - Pinturas em Pedra feitas por Ana Lúcia



Fonte: Autora (2024)

Ana menciona que a escolha do nome de seu ateliê “Espaço Eco Pantaneiro” vem da força da natureza, que tem sido sua maior inspiração. Ao ser questionada sobre os desafios enfrentados em sua prática artesanal, ela, assim como Elizeth, retrata a falta de valorização em trabalhos artesanais como um desafio “estar levando nossa arte para a comunidade, divulgar e fazer com que as pessoas percebam o sentido daquilo que é primordial na arte, que é o sentido da vida”, respondeu.

Artesã Janini Ferreira

Janini trabalha com terrários e minis jardins, mesmo com menos de 1 ano de experiência, ela procura sempre participar de feiras. Vindo de uma geração de artistas, Janini foi aperfeiçoando seu gosto pela arte, “eu comecei com o livro de pano e participei de vários eventos, eu parei com o livro de pano e comecei a confeccionar plaquinhas de madeira, ia no mercado e pegava caixote de verdura e comecei a confeccionar as plaquinhas e depois iniciei artesanatos com plantas”, disse a artesã na entrevista.

Artesão Paulo Vicente

Paulo Vicente trabalha com esculturas de animais em pedras e possui uma trajetória de mais de 10 anos no artesanato, com muito trabalho ele desenvolveu suas habilidades. Paulo lamenta a falta de participação dos artesãos nas feiras, segundo ele “o artesanato está bom, só está faltando o pessoal vir participar com o trabalho deles”.

Figura 6- Esculturas feitas por Paulo Vicente



Fonte: Autora (2024)

Artesã Léia Cardoso

Léia produz chaveiros em feltro (tecido não tecido produzido com fibras sintéticas e tingido com corantes) com temáticas animais do pantanal. Há menos de 5 anos, ela começou no artesanato por gostar de trabalhos manuais e também por necessidade financeira. Segundo ela, seu trabalho impacta a comunidade com a divulgação do Pantanal e do artesanato.

Figura 7- Chaveiros feitos por Léia Cardoso



Fonte: Autora (2024)

Artesão José Rodrigues

José relata que realiza muitas vendas de seus adereços em couro nas feiras em que participa, ele desde pequeno tem contato com o material e atualmente trabalha em casa. Como desafio enfrentado, José destaca o preço do couro, que é a principal matéria-prima de seu trabalho.

Figura 8- Adereços em couro fabricados por José Rodrigues



Fonte: Autora (2024)

Artesão Júlio Ferreira

Júlio começou a praticar o artesanato assim que se aposentou, há mais de 10 anos, e fabrica utensílios de madeira. Ele dedica seus finais de semana ao artesanato e relata na entrevista a dificuldade de começar no artesanato e colocar seu produto à venda “O começo que é difícil para entrar na praça e ser aceito, mas Graças a Deus hoje eu tô bem”.

Figura 9- Utensílios em madeira fabricado por Júlio Ferreira



Fonte: Autora (2024)

Relação das entrevistas com a literatura

Lucélia Pereira menciona a dança como inspiração inicial, o que mostra como o artesanato está intrinsecamente ligado à expressão cultural e identidade. Elizeth Gonçalves usa o artesanato como uma forma de sustento, ilustrando como a economia criativa pode ser uma fonte de renda alternativa. Ana Lúcia enfatiza a arte terapia, destacando o papel do artesanato na promoção do bem-estar e na conexão com a natureza.

Janini Ferreira fala sobre a aceitação do público, um desafio comum na economia criativa, onde a valorização do trabalho manual ainda é uma barreira. Ramona Barbosa e Maria Lineide mostram o impacto comunitário do artesanato, seja através de doações ou ensino, refletindo o aspecto social do desenvolvimento sustentável.

Essas narrativas individuais dos artesãos refletem uma tapeçaria rica de experiências e aspirações que estão alinhadas com os princípios da economia criativa e do desenvolvimento sustentável. Eles não apenas criam produtos, mas também preservam e transmitem cultura, promovem a sustentabilidade e contribuem para a economia local. O artesanato, portanto, é uma manifestação poderosa da criatividade humana que sustenta tanto a cultura quanto a economia de uma comunidade.

II FEIP - Feira de empreendedorismo indígena do Pantanal

A Feira de Empreendedorismo Indígena do Pantanal (FEIP), em sua segunda edição, reuniu vários artistas e artesãos indígenas com o intuito de prestigiar o empreendedorismo cultural. Além da exposição e venda de peças, a feira ofereceu uma rodada de palestras e de negócios aos participantes.

A Feira é uma das ações realizadas pelo Projeto ITUKÉTI, desenvolvido pelos alunos do Projeto de Extensão Time Enactus UFMS e conta com o apoio da rede Enactus Brasil, presente em mais de 30 países. O evento foi realizado na cidade de Aquidauana - MS, no dia 11 de maio de 2024, no shopping atlântico, das 8h às 21h.

Os registros fotográficos foram perdidos, por conta de um problema na máquina da pesquisadora, dessa forma, a próxima seção descreve os artesãos participantes da feira, mas nem de todos os participantes foi possível obter fotografias posteriores ao evento.

Artesã Marianilce Rodrigues

Marianilce, uma das artesãs presentes na II FEIP, confecciona cestaria, colares, brincos e tiaras desde 2005, ela destaca a cultura e a ancestralidade como fonte de aprendizado e lamenta pela falta de valorização em sua prática artesanal. Ela diz que sempre participa das feiras e obtém sucesso nas vendas.

Artesã Rosa Cabral

Assim como Marianilce, Rosa também menciona a ancestralidade como fonte de aprendizado, e por isso, cita a importância da valorização para a continuidade indígena do artesanato. Ela também pede por mais espaço para os artesãos, para assim poderem levar a

cultura Terena por onde forem”eu espero que abra mais campos de vendas e que tenha mais campo nas feiras” disse em entrevista. Rosa confecciona animais e cestas em cerâmica e também sempre participa das feiras.

Artesã Anatália Lemes

Anatália começou sua prática artesanal em meio a pandemia do Covid-19, com a fabricação de cerâmica Terena, ela enfatiza a importância de participar de eventos para buscar mais conhecimentos e falar sobre artesanato. Ela aponta o turismo como seu público alvo “o turismo chega na aldeia, mostro meu trabalho e vendo muito bem”, disse Anatália em entrevista.

Artesã Arrieth Dias

Arrieth comercializa colares de sementes e animais em argila, e está desde os 10 anos de idade no meio do artesanato. Segundo Arrieth o artesanato é uma forma de valorizar sua cultura e por isso incentivam as crianças a valorização desde cedo “nosso aprendizado vem dos nossos ancestrais, por isso a valorização é muito importante para nós darmos essa continuidade futuramente”. Em entrevista ela conta que a motivação para trabalhar cada vez mais na arte e levar a cultura para as feiras vem da comunidade.

Figura 10- Foto de Arrieth



Fonte: Mídia time Enactus

Artesã Irene Cândido

Com a confecção de abanico e cestaria em carandá, Irene começou a trabalhar com artesanato quando sua filha começou a estudar em Aquidauana “comecei a procurar um jeito de ajudar ela, e ela formou e está ajudando fazendo meus artesanatos”, contou ela em entrevista. Ao ser questionada sobre o impacto do seu trabalho na comunidade local, ela lamenta: “na comunidade local eles não dão valor para nós que somos artesãs”.

Artesã Arlene Júlio

Arlene produz animais e vasos em cerâmicas desde os 10 anos de idade. Na entrevista ela conta que tem como objetivo levar seu aprendizado adiante “ajudar quem ainda não sabe, porque não são muitos que conhecem”. Para o futuro ela espera obter mais oportunidades para os ceramistas.

Figura 11 - Foto de Arlene Júlio



Fonte: Instagram (@ceramistaarlene)

Relação das entrevistas com a literatura

Trajectoria e Inspirações dos Artesãos: Diniz e Diniz (2007) destacam que o artesanato é uma manifestação cultural que reflete as especificidades da tradição e dos hábitos locais. As

histórias dos artesãos entrevistados corroboram essa visão, mostrando como suas trajetórias estão profundamente enraizadas nas tradições culturais indígenas.

Desenvolvimento das Habilidades: Canclini (1984) e Cândido (1987) discutem a constante readaptação dos materiais e técnicas artesanais frente às condições econômicas e culturais. Os artesãos entrevistados relataram como adaptaram suas técnicas ao longo do tempo, enfrentando desafios como a escassez de materiais devido às queimadas e a alta do valor da matéria prima.

Relação com a Comunidade: Ribeiro et al. (1983) discutem a valorização do fazer manual e o papel do artesanato no capitalismo. Os artesãos destacaram o impacto positivo de seu trabalho na comunidade, tanto em termos de preservação cultural quanto de geração de renda.

Desafios Enfrentados: D'Ávila (1983) ressalta o papel do artesanato na geração de emprego e renda, mas também aponta os desafios enfrentados pelos artesãos em termos de reconhecimento e valorização. Os artesãos entrevistados mencionaram a falta de valorização e os desafios econômicos como barreiras significativas.

Visão para o Futuro: A literatura sobre economia criativa (Duisenberg, 2008; Amado, 2019) destaca o potencial do artesanato para promover o desenvolvimento sustentável e a inclusão social. As aspirações dos artesãos para o futuro refletem esse potencial, com ênfase na sustentabilidade e na preservação cultural.

Os resultados foram interpretados à luz da literatura, destacando como os achados do estudo corroboram, expandem ou desafiam os conhecimentos existentes. Por exemplo, a importância da sustentabilidade e da preservação ambiental, mencionada por vários artesãos, expande a discussão sobre o papel do artesanato na economia criativa.

As implicações dos achados para a valorização dos artesãos locais e para a promoção da economia criativa foram discutidas, com base nas teorias e estudos revisados. A análise sugere que eventos como o FARPA e a FEIP são cruciais para a promoção do artesanato, mas também destaca a necessidade de políticas públicas que incentivem a valorização e o reconhecimento dos artesãos.

CONCLUSÃO

Este estudo analisou a efetividade das feiras de artesanato FARPA - Festival de Arte Paulo Gustavo em Aquidauana e II FEIP - Feira de Empreendedorismo Indígena do Pantanal, bem como a Casa do Artesão, na valorização dos artesãos locais e de suas obras. Através de entrevistas semiestruturadas e observações participantes, foram identificadas as trajetórias, desafios e aspirações dos artesãos, além do impacto desses espaços na promoção da economia criativa em Aquidauana.

Os resultados revelaram que, embora as feiras e a Casa do Artesão proporcionem plataformas importantes para a exposição e comercialização dos produtos artesanais, ainda existem desafios significativos a serem enfrentados. Entre os principais desafios mencionados pelos artesãos estão a falta de valorização e reconhecimento do trabalho artesanal, a escassez de materiais devido a questões ambientais e a necessidade de maior apoio e políticas públicas que incentivem a sustentabilidade e a preservação cultural.

A análise da Casa do Artesão destacou a necessidade de melhorias na identificação e contextualização dos produtos. A ausência de informações detalhadas sobre os artesãos e suas obras pode diminuir o valor percebido pelos consumidores, conforme discutido na literatura sobre marketing cultural (Smith, 2016). Pequenas ações, como a inclusão de placas informativas e treinamentos para os funcionários, podem fortalecer o protagonismo dos artesãos e promover uma conexão mais profunda entre os consumidores e os produtos.

As trajetórias dos artesãos entrevistados destacam a profunda conexão entre o artesanato e as tradições culturais locais, corroborando a literatura existente sobre o papel do artesanato na preservação da identidade cultural (Diniz e Diniz, 2007; Canclini, 1984). Além disso, as

experiências marcantes e as aspirações para o futuro refletem o potencial do artesanato para promover o desenvolvimento sustentável e a inclusão social, conforme discutido na literatura sobre economia criativa (Duisenberg, 2008; Amado, 2019).

As implicações dos achados sugerem que, para melhorar a visibilidade e o reconhecimento dos artesãos, é essencial desenvolver estratégias que valorizem a autenticidade e a singularidade do artesanato. Políticas públicas que incentivem a sustentabilidade e a preservação cultural são cruciais para enfrentar os desafios identificados. Eventos como FARPA e FEIP são fundamentais, mas devem ser complementados por ações contínuas que promovam a valorização e o reconhecimento dos artesãos, garantindo a preservação das tradições culturais e o desenvolvimento econômico sustentável.

CONTRIBUIÇÕES E IMPLICAÇÕES DO ESTUDO

Contribuições Teóricas

1. Valorização do Artesanato: Este estudo contribui para a literatura sobre artesanato e economia criativa ao destacar a importância das feiras de artesanato na valorização dos artesãos locais. Os achados corroboram as teorias de Diniz e Diniz (2007) e Ribeiro et al. (1983) sobre a valorização do fazer manual e o papel do artesanato na preservação cultural.
2. Desafios e Oportunidades: A pesquisa expande a compreensão dos desafios enfrentados pelos artesãos, como a falta de reconhecimento e a escassez de materiais, e sugere que políticas públicas e iniciativas de apoio são essenciais para superar essas barreiras. Isso está alinhado com as discussões de D'Ávila (1983) e Canclini (1984) sobre a necessidade de adaptação e apoio ao artesanato.

Implicações Práticas

1. Políticas Públicas: Os resultados indicam a necessidade de políticas públicas que incentivem a sustentabilidade e a preservação cultural, proporcionando apoio financeiro e logístico aos artesãos. Isso pode incluir programas de replantio de árvores, subsídios para materiais e treinamento em novas técnicas artesanais.
2. Apoio e Reconhecimento: As feiras de artesanato, como o FARPA e a FEIP, devem continuar a ser promovidas e aprimoradas para aumentar a visibilidade e o reconhecimento dos artesãos. Isso pode envolver campanhas de marketing, parcerias com instituições culturais e a criação de prêmios para destacar o trabalho dos artesãos.
3. Educação e Capacitação: Investir em programas de educação e capacitação para os artesãos pode ajudar a melhorar suas habilidades e a qualidade de seus produtos. Isso inclui oficinas, cursos e acesso a recursos que promovam a inovação e a sustentabilidade no artesanato.

Implicações para a Pesquisa Futura

1. Estudos Comparativos: Pesquisas futuras podem comparar a efetividade de diferentes feiras de artesanato em várias regiões, identificando melhores práticas e estratégias que podem ser replicadas em outros contextos.
2. Impacto Econômico: Investigar o impacto econômico das feiras de artesanato na economia local pode fornecer dados quantitativos que complementam os achados qualitativos deste estudo, ajudando a quantificar a contribuição do artesanato para o desenvolvimento local.
3. Sustentabilidade Ambiental: Explorar a relação entre artesanato e sustentabilidade ambiental pode oferecer insights sobre como práticas artesanais podem contribuir para a conservação dos recursos naturais e a mitigação das mudanças climáticas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGÊNCIA SENADO. Sancionada a prorrogação até 2024 do uso dos recursos da Lei Paulo Gustavo. Senado Notícias, 2023. Disponível em:

<<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2023/12/18/sancionada-a-prorrogaao-ate-2024-do-uso-dos-recursos-da-lei-paulo-gustavo>>. Acesso em: 15 abr. 2024.

AGECOM. EVENTO| Aquidauana terá 1º Festival de Artes Paulo Gustavo no sábado, 16/03. Prefeitura de Aquidauana, 2024. Disponível em: <<https://www2.aquidauana.ms.gov.br/noticia/7491/evento-aquidauana-tera-1-festival-de-artes-paulo-gustavo-no-sabado-1603>>. Acesso em: 15 abr. 2024.

AMADO, Miguel. Economia Criativa: O que é, Importância e Características. FIA Business School, 2019. Disponível em: <<https://fia.com.br/blog/economia-criativa/>>. Acesso em: 17 mar. 2024.

Banks, M. The Craft Economy, 2010

Bardin, L. Análise de Conteúdo. Edições 70, 2011.

Canclini, N. G. Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade, 1984.

CASTILHO, M.A.; DORSA, A.C.; SANTOS, M.C.L.F.; OLIVEIRA, M.M.G. Artesanato e saberes locais no contexto do desenvolvimento local. SciELO, 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/inter/a/BVjqrffcBrgSxXVYYrCb5zf/#>>. Acesso em 09 de jul. 2024

Cândido, A. A Educação pela Noite e Outros Ensaios, 1987.

Creswell, J. W. Research Design: Qualitative, Quantitative, and Mixed Methods Approaches. Sage, 2014.

Dias, M. O Artesanato como Forma de Manifestação Cultural e sua Contribuição Socioeconômica, 2007.

Diniz, C.; Diniz, M. O Artesanato como Elemento Impulsionador no Desenvolvimento Local, 2007.

D'Ávila, A. O Valor do Artesanato no Mercado, 1983.

DUISENBERG, Edna dos Santos. ECONOMIA CRIATIVA como estratégia de desenvolvimento: uma visão dos países em desenvolvimento. Itaú Cultural, 2008. Disponível em: <<https://garimpodesolucoes.com.br/wp-content/uploads/2014/09/Economia-Criativa-como-Estrat%C3%A9gia-de-Desenvolvimento.pdf>>. Acesso em 25 abr. 2024.

FREEMAN, Carla. Artesanato e Exclusão Social no Brasil. Revista Brasileira de Geografia e Estatística, 2011.

GUIMARÃES, Guilherme. Artesanato Brasileiro: Um Mergulho nas Riquezas Culturais e Criativas de Nossa Nação. Artes do imaginário brasileiro, 2023. Disponível em: <<https://imaginariobrasileiro.com.br/blogs/news/artesanato-brasileiro#:~:text=O%20artesanato%20%C3%A9%20uma%20forma,cultural%20e%20regional%20do%20pa%C3%ADs>>. Acesso em: 12 mai. 2024.

GUIMARÃES, Guilherme. Explorando a Riqueza Cultural do Artesanato Brasil. Artes do imaginário brasileiro, 2024. Disponível em: <<https://imaginariobrasileiro.com.br/blogs/news/explorando-a-riqueza-cultural-do-artesanato-brasil>>. Acesso em: 09 jul. 2024

KELLER, Paulo Fernandes. Artesanato: Trabalho, Economia e Sociedade. Universidade Federal do Maranhão, 2020.

Krippendorff, K. Content Analysis: An Introduction to Its Methodology. Sage, 2013.

MACHADO, J. P. O conceito de artesanato: Uma produção manual. Missões: Revista De Ciências Humanas E Sociais, 2(2), 2016. Disponível em: <<https://revistamissoeschs.com.br/missoes/article/view/28/26>>. Acesso em: 15 jun. 2024

MASCELANI, M. Categorias, Tipologias e Organização do Artesanato. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/9596/9596_4.PDF>. Acesso em: 11 jul. 2024.

O PANTANEIRO. Sábado é dia da II Feira de Empreendedorismo Indígena do Pantanal em Aquidauana, 2024. Disponível em: <<https://www.opantaneiro.com.br/aquidauana/sabado-e-dia-da-ii-feira-de-empendedorismo-indigena-do-pantanal-em/214529/>>. Acesso em: 16 abr. 2024.

Pereira, L.A Arte Popular e o Artesanato, 1979.

POSSEBON, Daniela. A economia criativa como perspectiva de gênero: Um estudo de caso sobre o artesanato como alternativa de renda para a mulher. Seminário Internacional Fazendo Gênero 10. Florianópolis, 2013. Disponível em:

<https://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1381429528_ARQUIVO_DanielaPossebon.pdf>. Acesso em: 09 jul. 2024.

REIS, Ana Carla F. ECONOMIA CRIATIVA como estratégia de desenvolvimento: uma visão dos países em desenvolvimento. Itaú Cultural, 2008. Disponível em:

<<https://garimpodesolucoes.com.br/wp-content/uploads/2014/09/Economia-Criativa-como-Estrat%C3%A9gia-de-Desenvolvimento.pdf>>. Acesso em 09 jul. 2024.

Ribeiro, A., et al. A Valorização do Fazer Manual no Capitalismo, 1983.

SEBRAE.Dez Fatores-Chave de Sucesso para Atuar no Artesanato, 2022. Disponível em:

<<https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/dez-fatores-chave-de-sucesso-para-atuar-no-artesanato,5693524704bdf510VgnVCM1000004c00210aRCRD>>. Acesso em: 11 jul. 2024.

SMITH, J. Marketing Cultural e Valorização do Artesanato. São Paulo: Editora Cultura, 2016.

VALIATI, Leandro; MOLLER, Gustavo.Economia criativa, cultura e políticas públicas. Editora UFRGS. Porto Alegre, 2016. Disponível em:

<https://www.ufrgs.br/cegov/files/pub_137.pdf>. Acesso em: 25 abr. 2024.